

A REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Jéssica Souza Martins
jessicamartins.real@gmail.com

Olivia Morais Medeiros Neta
olivianeta@gmail.com

Nadia Aurora Vanti Vitullo
nadia.ufrn@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Brasil.

Recibido: 05/02/2019 **Aceptado:** 25/04/2019

RESUMEN

El estudio de la producción científica de la Historia de la Educación permite presentar una visión general sobre la configuración de este campo de estudio, siendo posible, a partir de la Ley de Lotka, detectar la productividad de los autores, además de las contribuciones de las regiones, instituciones, tipos de publicaciones, forma de publicación y las temáticas más desarrolladas. Se pretende investigar la comunicación científica del área de la Educación, particularmente de la Historia de la Educación, por medio de los trabajos disponibles en la Revista Brasileña de la Historia de la Educación (RBHE). La metodología para la realización de la investigación se dio por la recolección de informaciones de las 482 publicaciones, con el apoyo de los fundamentos del análisis documental de Bardin (2010), además de la utilización de los principios estáticos de Bussab y Morettin (2013, 2008) y del uso de los "apuntes de Lotka (1926). El resultado de los análisis indica que la producción nacional representa más del 80% del corpus de la revista, además de la contribución única por autor, que es más del 20% por encima de lo estipulado por la Ley de Lotka. Se concluye que la revista demuestra una gran dispersión entre las contribuciones individuales y en coautoría, ya sean nacionales o extranjeras, además de divergir del presupuesto por Lotka.

Palabras clave: Comunicación científica; Historia de la Educación; bibliometría; Ley de Lotka; Revista Brasileña de la Historia de la Educación.

A REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

RESUMO

O estudo da produção científica da História da Educação permite apresentar uma visão geral sobre a configuração deste campo de estudo, sendo possível, a partir da Lei de Lotka, detectar a produtividade dos autores, além das contribuições das regiões, instituições, tipos de publicações, forma de publicação e as temáticas mais desenvolvidas. Objetiva-se investigar a comunicação científica da área da Educação, particularmente da História da Educação, por meio dos trabalhos disponíveis na Revista Brasileira da História da Educação (RBHE). A metodologia para a realização da pesquisa se deu pela coleta de informações das 482 publicações, com o suporte dos fundamentos da análise documental de Bardin (2010), além da utilização dos princípios estáticos de Bussab e Morettin (2013, 2008) e do uso dos apontamentos de Lotka (1926). O resultado das análises indica que a produção nacional

representa mais de 80% do corpus da revista, além da contribuição única por autor, que é mais de 20% acima do estipulado pela Lei de Lotka. Conclui-se que a revista demonstra uma grande dispersão entre as contribuições individuais e em coautoria, sejam elas nacionais ou estrangeiras, além de divergir do pressuposto por Lotka. Também é possível detectar temáticas principais, como “educação”, “história” e “ensino”.

Palavras-chave: Comunicação científica; História da Educação; Bibliometria; Lei de Lotka; Revista Brasileira da História da Educação.

THE REVISTA BRASILEIRA DE HISTORIA DA EDUCAÇÃO (RBHE) AND THE SCIENTIFIC COMMUNICATION

ABSTRACT

The study of the scientific production of the History of Education allows to present an overview on the configuration of this field of study, being possible, from the Law of Lotka, to detect the productivity of the authors, besides the contributions of the regions, institutions, types of publications, form of publication and the most developed themes. The objective of this study is to investigate the scientific communication in the area of Education, particularly in the History of Education, through the works available in the Brazilian Journal of Education History (RBHE). The methodology for conducting the research was based on the collection of information from the 482 publications, supported by Bardin's documentary analysis (2010), as well as the use of the static principles of Bussab and Morettin (2013, 2008) and the use of notes of Lotka (1926). The result of the analyzes indicates that the national production represents more than 80% of the magazine's corpus, in addition to the single contribution per author, which is more than 20% above that stipulated by Lotka's Law. It is concluded that the journal shows a great dispersion between individual and co-author contributions, be they national or foreign, besides diverging from the assumption by Lotka. It is also possible to detect major themes such as "education", "history" and "teaching".

Keywords: Scientific communication; History of Education; Bibliometria. Lotka's Law; Brazilian Journal of Education History.

INTRODUÇÃO

A comunicação científica é um elemento comum em todos os campos do conhecimento. Por meio dela é possível traçar a configuração do comportamento e a organização dos campos ou áreas do conhecimento. Os estudos da comunicação científica são complexos, visto que abrangem a comunicação em si, o processo de comunicação e seus aspectos editoriais.

No Brasil, a partir de 1960, a comunicação científica começou a florescer devido à criação dos programas de pós-graduação. Entre os primeiros programas, encontra-se o de Educação, implantado em 1965 na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Diante disso, entende-se a relevância da área da Educação para o desenvolvimento científico, visto seu impulso ao desenvolvimento da comunicação científica no Brasil.

A fim de averiguar o desenvolvimento da comunicação científica brasileira na área de Educação foi selecionado para fins de investigação a Revista Brasileira da História da Educação (RBHE)⁴, assim elaborar um panorama sobre o campo da História da Educação sobre a ótica bibliométrica. A RBHE foi fundada em 2001 pela Sociedade Brasileira de História de Educação, no I Congresso de História de Educação, contexto de reunião, organização e consolidação do campo da História da Educação (HE), em um momento de compartilhamento dos produtos das pesquisas dos autores da área. Essa fonte de informação objetiva publicar estudos sobre a historiografia da Educação por meio de seu portal, que apresenta seção de artigos, resenhas, dossiês e notas de leituras. A RBHE, em 2016, de acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), apresentou *qualis*^{A1} em Educação, *qualis* A2 em Ensino, *qualis* B1 em História e *qualis* B2 em Comunicação e Informação.

Para mostrar o panorama deste campo, acreditou-se que os estudos das temáticas pudessem revelar o desenvolvimento e a forma de organização do campo estudado. Para realização desta pesquisa foram coletados os dados de palavras-chaves, autoria, título, instituição, local, região, ano de publicação e tipo de comunicação científica disponível da RBHE. Como procedimentos metodológicos foram usados os princípios de coleta de dados de Rodrigues (2007), o método de análise documental conforme Bardin (2010), o método histórico proposto por Marconi e Lakatos (2003), o uso do método estatístico conforme Prodanov e Freitas (2013) e a aplicação da Lei de Lotka, como orienta Oliveira (1983).

Para tanto, o trabalho organiza-se na seguinte forma: a primeira seção tem como objetivo explanar sobre a comunicação científica, enquanto a segunda, refere-se ao campo científico da História da Educação. A seção terceira retrata a Revista Brasileira da História da Educação e a quarta esclarece os métodos e técnicas utilizadas para a elaboração do presente trabalho. A quinta seção apresenta os resultados e as análises dos dados coletados. Finalmente, a sexta parte refere-se às considerações da autora sobre o tema investigado.

⁴ A revista hoje encontra-se na forma digital. O link de acesso dos seus números é: <<http://rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/index>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

UMA BREVE HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA⁵

A comunicação científica é fruto dos resultados parciais ou finais das pesquisas daqueles que estão inseridos no campo científico. Deste modo, a comunicação científica é um elemento comum entre os pesquisadores, conseqüentemente, entre as ciências, visto que “a comunicação é o único comportamento comum a todos os cientistas, pois os demais são específicos de cada área, ou técnicos. A informação e a sua representação são os principais produtos” (Griffith, 1989, p. 600). Assim, entende-se por comunicação científica o processo de comunicação de ideias dos cientistas à comunidade científica, assim como ao público em geral (Lievrouw, 1990). Sendo assim, a comunicação científica é importante tanto para aqueles que fazem ciência, mas também para a sociedade como um todo. Pode ser compreendida, ademais, como “a forma pela qual a universidade ou instituições de pesquisa se faz presente no saber-fazer-poder ciência” (Moura, 1997, p.9). A comunicação científica acontece com a estabilidade da relação entre indivíduo e instituição, à medida que ocorre a articulação entre os pares (Pisciotta, 2006).

Com o passar do tempo, a comunicação científica passou por transformações e acontecimentos, um deles ocorreu durante o movimento técnico científico do século XVII acarretou a criação de grupos de pesquisa e a necessidade da divulgação de suas investigações. Inicialmente, os pesquisadores se comunicavam via correspondência, dando origem aos colégios invisíveis, conhecidos como a reunião de profissionais que compartilhavam suas pesquisas em meios não formais, tais como cartas, correspondências, encontros em pequenos grupos, etc. (Mueller, 1995). Esse tipo de comunicação era de acesso restrito, visto que somente aqueles que estavam inseridos no campo do saber tinham contato com as informações. Posteriormente, criaram as atas de pesquisa, que já apresentavam uma extensão ao público. Porém, ainda existiam restrições e falhas nas comunicações, visto que não existia uma central ou unidade responsável pela difusão dessas publicações, ocasionando, assim, o desconhecimento de muitas das produções realizadas. Com o passar do tempo, cada vez mais a ciência gerou documentos, pois novos grupos de pesquisa foram desenvolvidos com o objetivo de estudar as novas concepções de ciência. De acordo com Mueller (1995, p. 67), “o volume de pesquisas e o de literatura científica crescem juntos”. Portanto, precisava-se de uma

⁵Esta seção apresentarei um escopo resumido da comunicação científica, desta forma não irei enveredar pela história e o desenvolvimento desta.

unidade de informação que gerenciasse a comunicação científica para que fosse possível armazená-la, organizá-la, recuperá-la e compartilhá-la.

Com as revoluções que o mundo passou, a massa documental produzida por meio de pesquisa aumentou cada vez mais. No século XIX, a revolução industrial proporcionou um grande volume de documentos, já que estimulava pesquisas de invenções e aperfeiçoamento para a indústria. Datheïn (2003, p. 5) ressalta que

A Segunda Revolução Industrial possui várias características que a diferenciam da Primeira. Uma delas foi o papel assumido pela ciência e pelos laboratórios de pesquisa, com desenvolvimentos aplicados à indústria elétrica e química, por exemplo.

Entretanto, até então esta realidade da grande massa documental não incluía a produção científica do Brasil, visto que foi somente em 1937, que se tem conhecimento de que a comunicação científica brasileira começou a ser produzida, inicialmente em órgãos governamentais, com a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e depois pelo Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública – atualmente Ministério da Educação e Cultura (MEC). Somente a partir de 1965, com o Parecer nº 977/65, de 3 de dezembro de 1965, do Conselho Federal de Educação, emitido por Newton Lins Buarque Sucupira e pela aprovação do decreto que foram criados formalmente os programas de pós-graduação. De acordo com Bianchetti e Fávero (2005), um dos primeiros programas de pós-graduação a serem ofertados foi o mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), no final de 1965.

Com esses dados, nota-se que o campo científico da Educação é bastante representativo para o estudo da produção e disseminação da comunicação científica. As estatísticas revelam que os cursos de pós-graduação respondem ao percentual de 80% da produção científica nacional (CAPES, 2016). Desse modo, torna-se evidente que a maior quantidade da produção científica brasileira é desenvolvida pelas instituições de ensino.

Tipos de comunicação científica

A comunicação científica para Garvey e Griffith (1979 *apud* Targino (2000, p. 10) é a

Comunicação que incorpora as atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação desde o momento em que o cientista concebe uma ideia para pesquisar até que a informação acerca dos resultados é aceita como constituinte do estoque universal de conhecimentos.

Desse modo, essa comunicação é um elemento básico para o desenvolvimento da ciência. Para sua divulgação faz-se uso dos canais formais e informais da comunicação (Moura, 1997). Assim, a comunicação científica formal é aquela que tem seu registro escrito em um suporte, seja ele físico ou digital, como livros ou *e-books*. Segundo Moura (1997), ela ocorre nas transmissões escritas em textos. Já a informal é de maneira verbal, que faz uso da oratória para sua existência, geralmente é apresentada em palestras, seminários e apresentações, predominantemente em eventos. Por fazer uso do discurso oral, esta torna-se efêmera, elitista e não democrática, visto que somente aqueles que estão presentes no momento de sua realização têm acesso ao seu conteúdo (Moura, 1997). Entende-se ainda, por comunicação científica formal aquela que permite o acesso e disseminação ao longo do tempo, de forma ilimitada e a todos (Moura, 1997). As matérias que são publicadas e assim tornadas públicas são vistas como comunicação formal. Portanto, os livros e os periódicos quando publicados caracterizam-se como comunicações formais. Além disso, esse material poderá ser armazenado em bibliotecas, de modo a possibilitar seu acesso no decorrer do tempo (Meadows, 1974).

Ela também pode ser entendida como o registro documental por meio da escrita de texto, que posteriormente será submetida à avaliação de terceiros, que segue pré-requisitos e regras para o seu julgamento e somente depois deste será pública (Gómez & Machado, 2007). Esse processo, presente no fluxo de trabalho dos periódicos científicos, tem suas publicações escritas pelos autores e estas serão avaliadas por seus pares antes da publicação, que emitirão um parecer e as possíveis correções a serem feitas anteriormente.

Enquanto as publicações informais são aquelas que não apresentam a rigidez das avaliações pelos pares, elas podem ser encontradas entre as mensagens trocadas pelos pesquisadores. De acordo com Grotto (2003), elas estão presentes nos encontros casuais, conversas, troca de ideias, *e-mails* e mensagens.

Segundo Meadows (1974), uma comunicação informal é em geral efêmera, sendo posta à disposição apenas de um público limitado, visto que somente aqueles que têm contato com o emissor possuem acesso a tal informação. Enquanto a comunicação científica semiformal é a congregação da formal e da informal, cabendo às formais o compromisso da divulgação por meio de publicação e às informais as discussões orais provocadas. Desse modo, são semiformais as pré-edições (*preprints*), as versões prévias (*prepapers*) e as cartas de

andamento da pesquisa aos editores (*letters*). Visto que esse tipo de apresentação de resultado não apresenta a rigidez definitiva das comunicações formais, mas também não são comunicações passageiras como as informais (Targino, 1999/2000).

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A História da Educação (HE) é um campo científico capaz de estudar o processo pelo qual as mais diferentes sociedades investigam a educação, o ensino e suas práticas, concebidas em função "do real existente e suas contradições" (Stephanou& Bastos, 2005, p. 422). Assim, esse campo estuda as origens, formas, práticas, metodologias e os acontecimentos da Educação.

De acordo com Nóvoa (2005), a História da Educação analisa as práticas da educação por uma ótica histórica. E, conforme Lopes (1992),

A História da Educação se pergunta perplexa pelo cotidiano escolar de outrora. Tal como outros historiadores que instauraram a outra história ou a história vinda de baixo ou ainda a história de gente comum, trata-se de compreender a história da educação a partir de dentro, como é que se fazia a educação, como eram os comportamentos, de que maneira eram compostas as suas atividades de maneira a atingir seus objetivos, etc. (Lopes, 1992, p. 111).

O campo da História da Educação é no geral composto por educadores e/ou historiadores que realizam pesquisas sobre os saberes, práticas educativas e pedagógicas. Por meio da História da Educação é possível compreender como a Educação acontece e os impactos e transformações que ela proporciona. Então, para se fazer História da Educação é preciso estudar a Educação na interface com a história, seus métodos e teorias. E para isso, faz-se uso de fontes de informação para obter dados e produzir interpretações. No geral, as fontes podem ser os periódicos, os anais de eventos, a imprensa, fotografias, leis e decretos, mas também pode ser a arquitetura das instituições, as anotações feitas no período a ser estudado, relatos de pessoas, entre outras. Pois,

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se não os houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, serve o homem,

exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (Febvre, 1989, p. 249).

As fontes de informação são fundamentais para a produção científica no campo da História da Educação. Desse modo, nota-se ainda mais a relevância da disponibilidade e preservação das fontes da informação.

As produções científicas sobre História da Educação estão conseguindo um maior espaço dentro da área de Educação. Tal constatação associa-se à criação de associações científicas voltadas à História da Educação, a saber: criação, em 1984, do Grupo de Trabalho 2 (GT 2) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd); em 1986, do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR) e, em 1999, a criação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Essas organizações podem sinalizar a concretização do campo História da Educação, o qual “tem buscado delinear um panorama da atual historiografia em educação, destacando temáticas e períodos privilegiados pela pesquisa, bem como aportes teóricos mais recorrentes nessa escrita disciplinar” (Vidal & Faria Filho, 2003, p. 38).

Essas organizações produzem e mantêm veículos formais de comunicação científica, como “Congressos Nacionais de História da Educação”, que em 2017 se apresentava em seu nono número, e a própria RBHE, objeto de estudo deste trabalho, em 2018 exibe 18 volumes de publicações. Esses espaços científicos objetivam o intercâmbio e a divulgação de produções científicas com temáticas voltadas à História da Educação.

Também com os mesmos propósitos, a Revista Brasileira da História da Educação tem por finalidade divulgar trabalhos que retratem a História da Educação

Revista Brasileira da História da Educação

A Revista Brasileira de História da Educação (RBHE) foi fundada em 2001 pela Sociedade Brasileira em História da Educação (SBHE), no I Congresso Brasileiro em História da Educação (CBHE), um veículo de divulgação da produção científica que objetivava expressar as produções científicas nacionais e internacionais sobre História e Historiografia da Educação, com periodicidade quadrimestral e acesso livre, ou seja, qualquer um pode ter acesso a suas informações, basta ter conexão à internet. Seu *corpus* é composto por artigos, dossiês, resenhas de livros e notas de literatura. De acordo com o sistema de qualificação da CAPES, no ano de 2016 apresentou o resultado de avaliação o *qualis* A1 na área da Educação.

Atualmente, encontra-se no formato digital, sendo possível sua visualização por meio do link <<http://rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/index>>.

Os números da RBHE são compostos por seções de artigos inéditos, resenhas de obras, notas de leituras e dossiês. Com essas produções a revista tem como público-alvo acadêmicos, professores, pesquisadores e leitores interessados nas áreas publicadas. Para a realização de submissões à revista é preciso apresentar o grau mínimo de doutor e, no caso de produções coletivas, é necessário que um dos autores apresente o título exigido.

Em junho de 2001 a RBHE teve seu primeiro número publicado, com periodicidade semestral até 2006, ou seja, dois volumes por ano. Totalizando, assim, um montante de 14 volumes no período dos seus seis primeiros anos de circulação. A partir de 2007, passou a ser quadrimestral, publicando 3 volumes anualmente. E desde o início de 2016 tornou-se trimestral, disponibilizando 4 números ao ano. Hoje apresenta um total de 48 volumes, distribuídos entre os 18 números. A mudança de periodicidade legitima o sinal de importância e relevância da revista à comunidade da História da Educação, visto que para se manter com a mesma pontuação no *Qualisa* revista deve assegurar publicações atualizadas, fidelidade na periodicidade e abrangência das demais instituições, além de outros critérios de avaliação da CAPES.

Apesar de ser um periódico relativamente novo, suas características já demonstram a sua consolidação no campo da Educação brasileira, seja por seu *Qualis*, pelo respeito à periodicidade de publicações ou pelos artigos de autoria nacional ou/e internacional.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se por ser uma pesquisa dedutiva, exploratória, com abordagem quanti-qualitativa, utilizando procedimentos de pesquisa documental.

Observando o grande volume de dados que foram trabalhados, dividiu-se a pesquisa nas seguintes etapas:

- I. Primeiramente, no intervalo do tempo de dezembro/2016 a março/2018, ao realizara coleta dos dados das 482 publicações disponíveis no site da RBHE. Os dados coletados das publicações foram os seguintes: de autoria, de título, das palavras-chaves, da instituição, de ano de publicação e tipo do trabalho.
- II. Após concluir a coleta, foi o momento de preencher as lacunas das informações, buscando dados das afiliações institucionais dos autores. Então,

para isto, foi utilizada a Plataforma Lattes e o Sistema Escavador, que dispõem de informações acadêmicas sobre os pesquisadores.

- III. Posteriormente, foi o momento da organização e tabulação dos dados. Em seguida, foram criados os gráficos e as tabelas, os quais ilustram quantitativamente as instituições, lugares, regiões, tipo de publicação e ano de publicação.
- IV. Por fim, procedeu-se à exportação das palavras-chave do *software* Nvivo⁶, para a sua sistematização e a criação da nuvem e árvore de palavras e, assim, tornar possível a análise dos dados.

Nesse sentido, este trabalho teve como orientação da coleta de dados os princípios de Rodrigues (2007), o qual afirma ser esta ação um ato de planejamento e seleção. Inicialmente, verificou-se quais informações disponíveis na RBHE poderiam viabilizar o alcance dos objetivos deste trabalho.

Assim, as suas variáveis seriam os dados identificadores e descritores de cada publicação, tais como: nome, autoria, instituição, local, ano de publicação, modo de publicação, palavras-chaves e resumo. Consoante a elas, fez-se uso das indicações de Bussab e Morettin (2013), indicando que para aplicar os princípios da estatística é preciso ter uma população ou uma amostra e suas variáveis. Então, escolheu-se para incorporar os dados a quantidade total de publicações disponíveis na RBHE, sendo criada uma planilha no *Excel* com colunas indicando os nomes das variáveis e em seguida coletadas as informações pertinentes no site da revista.

Além disso, também foi utilizada a análise documental, técnica importante no ramo das pesquisas qualitativas, proporcionando a organização, a sistematização e a apreciação da documentação a ser estudada. Esse procedimento permite averiguar as informações, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (Lüdke & André, 1986). Nesses termos, o objetivo da análise documental

[...] é a representação condensada da informação, para consulta e armazenamento; o da análise de conteúdo é a manipulação de mensagens

⁶O Nvivo é um *software* desenvolvido pela QSR *International*. A aplicação sistematiza dados não estruturados e realiza a análise dos dados baseadas em texto. Desse modo, exibe os dados em nuvens de palavras compostas pelos termos mais recorrentes, além de demonstrar a frequência e as relações dos termos.

(conteúdo e expressão deste conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem (Bardin, 2010, p. 48).

Após a coleta, os dados foram submetidos à conferência e preenchimento das lacunas informacionais da fonte. Neste momento, o uso do Currículo Lattes e do Sistema Escavador viabilizaram o encontro das informações ausentes.

Com os dados coletados e totalmente completos, o próximo passo foi a representação gráfica e quantitativa dos dados, por meio da criação de tabelas e gráficos para representar a forma quantitativa das informações descritivas.

Portanto, para traçar o mapa do campo da História da Educação, houve a sistematização e a tabulação dos dados por região, autores, país, estados e anos de publicação. Conforme Prodanov e Freitas (2013, p.38), o método estatístico “possibilita uma descrição quantitativa da sociedade, considerada como um todo organizado”. Conforme orienta Vieira (2008), o auxílio da aplicabilidade de estatística fornece princípios e métodos estatísticos, viabilizando mensurar a notabilidade de cada região brasileira, as colaborações dos demais países e realizara progressão anual das publicações por região, para a compreensão dos destaques de cada localidade.

Além desses, foi utilizado o método histórico para obter a compreensão sobre a comunicação científica, suas origens, seus conceitos, seu desenvolvimento, sua importância para as ciências. Além de buscar embasamento sobre o desenvolvimento da RBHE e a projeção da História da Educação, também é importante elencar a inserção e a desenvoltura da HE e da RBHE na Comunicação Científica. Tal método tem como finalidade estudar acontecimentos passados para entender o presente e o futuro. De acordo com Marconi e Lakatos:

[...] o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que atualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações. (Marconi & Lakatos, 2003, p. 107).

Para obter os resultados da produtividade dos autores foi utilizada a bibliometria, que de acordo com Paul Otlet (apud Fonseca, 1986), pode ser definida como a parte da Bibliografia que se ocupa da medida ou da quantidade aplicada ao livro (aritmética ou matemática

bibliológica). Desse modo, a bibliometria tem por finalidade medir as produções e o uso dos documentos (Noronha&Maricato, 2008).

A bibliometria estuda ainda os aspectos quantitativos da produção científica (Tague-Sutcliffe,1992 apud Noronha & Maricato, 2008, p. 124).Para Pritchard (1969) a bibliometria examina, por meio de métodos estatísticos,os processos de comunicação científica, mensurando, assim, os aspectos quantitativos da produção e da disseminação do conhecimento científico (Spinak, 1998).

A bibliometria dispõe detrês principais leis: a Lei de Lotka de 1926,ou Lei do quadrado inverso, que tem como propósito mensurar a produtividade dos autores.Em seguida, a Lei de Bradford de 1934, também conhecida como Lei da dispersão, com oobjetivo de calcular a dispersão do conhecimento científico em publicações periódicas. E, por fim, a Lei de Zipf de 1949,ou Lei do Menor Esforço, que visa aferir a distribuição de frequências de palavras/termos de um texto. (Rodrigues &Viera, 2016).

Com a finalidade de mensurar a produtividade dos autores na área da História da Educação, fez-se uso da Lei de Lotka ou Lei do Quadrado inverso, definida por $Y = C \div X^n$, onde Y é o número de autores, C é uma constante e n é o número de publicações.Lotka (1926) estabeleceu a lei do quadrado inverso, afirmando que o número de autores que fazem n contribuições num determinado campo científico é de aproximadamente $\frac{1}{n^2}$ em relação àqueles que efetuam apenas uma única contribuição. Desse modo, a proporção daqueles que fazem apenas uma contribuição é de aproximadamente 60%. Sendo assim, tal lei pode ser mensurada por meio da distribuição de probabilidade discreta, a produtividade científica por autor, fazendo uso do modelo do poder inverso pelo quadrado. Conforme Vanti (2002, p. 153), esse é um “método que permite medir a produtividade dos pesquisadores, grupos ou instituições de pesquisa”, entãofoi possível definir a produtividade dos autores no veículo analisado e verificar a contribuição dos autores ao meio científico.

Por fim, para calcular a recorrência das palavraschave obtidas na comunicação científica da RBHE,elas foram projetadas no software Nvivo, o qual realizou a sua sistematização, reveladonuvem e na árvore de palavra representatividade das temáticas na comunicação científica da área. O software permitiu, ainda, a demonstração percentual de cada temática em relação ao *corpus* das palavras-chave extraídas.

A utilização destes métodos e procedimentos originaram meus resultados, que serão demonstrados e analisados na seção a seguir.

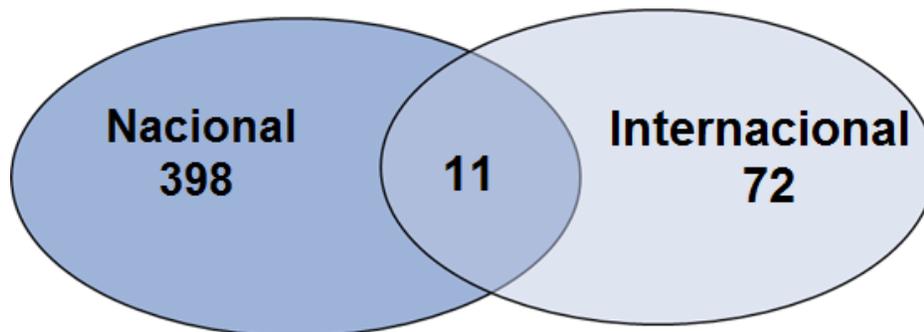
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a coleta dos dados das 482 publicações dispostas na RBHE e a tabulação dos dados, a análise dos dados é apresentada, sendo dividida em subseções, a saber: a) Panorama nacional, b) Panorama internacional, c) Temáticas. As seções a) e b) apresentam a produtividade dos autores por região, os tipos de publicações, os autores que mais publicam e suas devidas quantidades de produção e tipo de autoria. Já a seção c) apresenta as temáticas mais presentes na comunicação científica da RBHE.

Panorama nacional

O corpus da Revista é composto por 482 publicações, sendo possível identificar que as publicações associadas unicamente a instituições brasileiras são de 398 produções, correspondendo, assim, a 83%, enquanto publicações vinculadas exclusivamente a instituições estrangeiras são de 72 publicações, equivalente a 15% do corpus da revista. Ainda foi possível observar que as colaborações entre instituições brasileiras e internacionais foram de 11 publicações, correspondendo a um representativo de 2% dos trabalhos da RBHE.

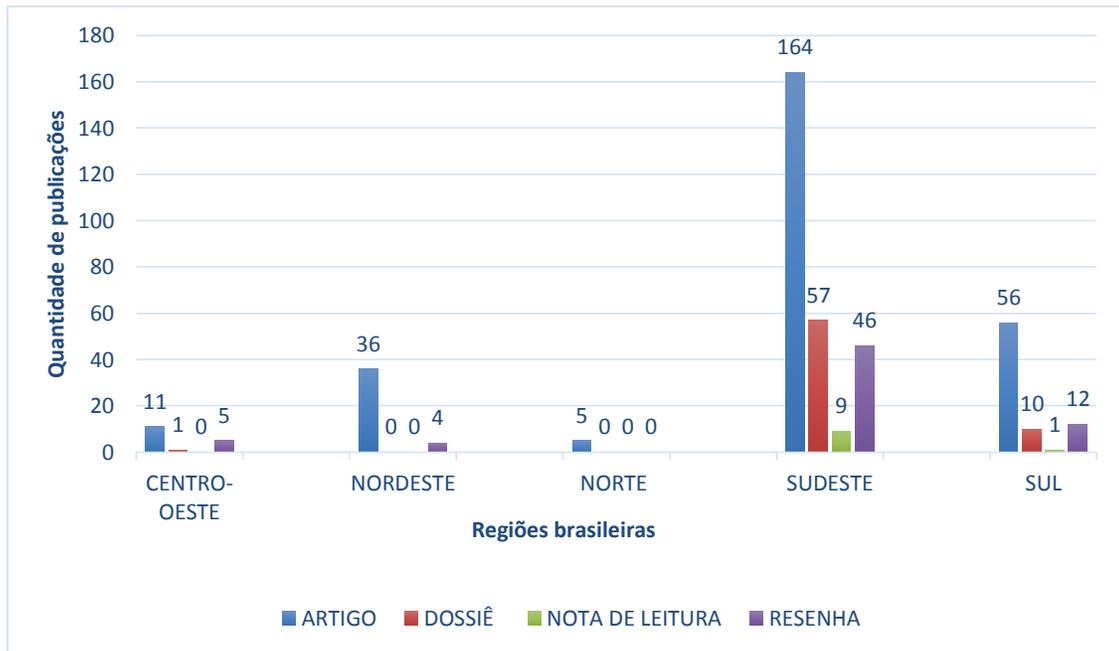
FIGURA 1 – REPRESENTAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES DA RBHE



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

As publicações nacionais estão decompostas pelas regiões que compõem o Brasil. Desse modo, o gráfico 1 apresenta a distribuição das publicações, especificando o tipo de publicação por cada região.

GRÁFICO 1 – DISTRIBUIÇÃO DAS PUBLICAÇÕES POR REGIÕES BRASILEIRAS

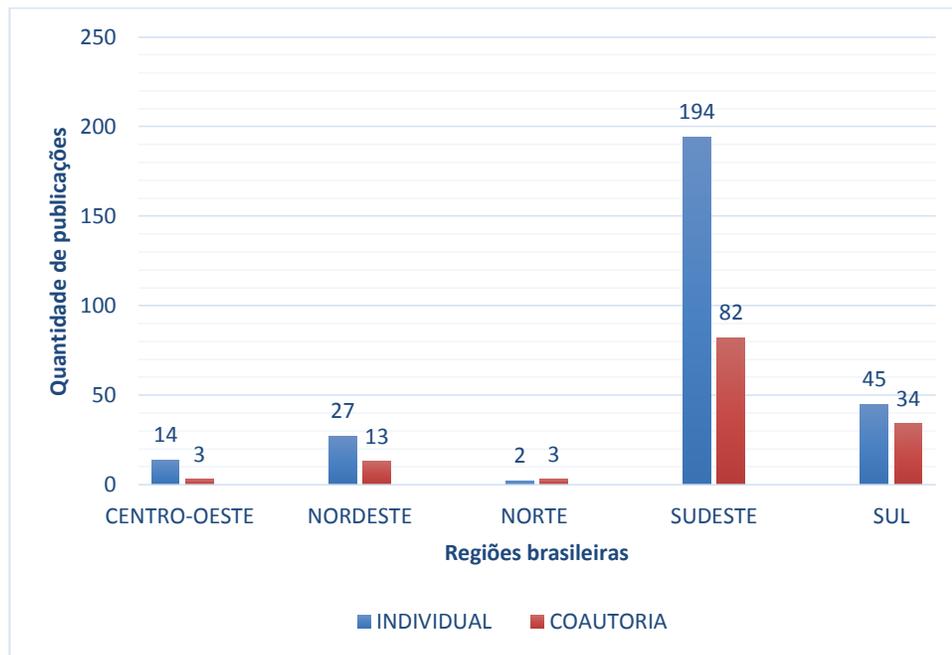


Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Por meio do gráfico 1 é possível notar que todas as regiões apresentam em sua composição de publicação trabalhos do tipo artigo. Ainda analisando o gráfico 1, nota-se a discrepância de número de publicações entre as regiões. A região Sudeste, com 276 publicações, detém cerca de 66% da comunicação científica nacional. Em seguida a região Sul, detém 19% das produções, logo após o Nordeste com 10% da comunicação científica, posteriormente o Centro-Oeste com 4% do total das publicações e por fim o Norte, com apenas 1% do corpus da revista. Uma das possíveis justificativas para a disparidade dos trabalhos do Sudeste com relação às demais regiões na RBHE pode ser em virtude de que 45% dos programas de pós-graduação de mestrado, mestrado profissional, mestrado/doutorado e doutorado encontram-se no Sudeste, o que perfaz a quantidade de 1.875 cursos de pós-graduação de um total de 4.177 cursos no Brasil (Capes, 2016).

As produções na RBHE podem ser apresentadas na modalidade de autoria individual ou em coautoria. A seguir, o gráfico 2 apresenta a organização das modalidades das publicações agrupadas por regiões.

GRÁFICO 2– DISTRIBUIÇÃO DE TIPOS DE AUTORIA POR REGIÃO NACIONAL

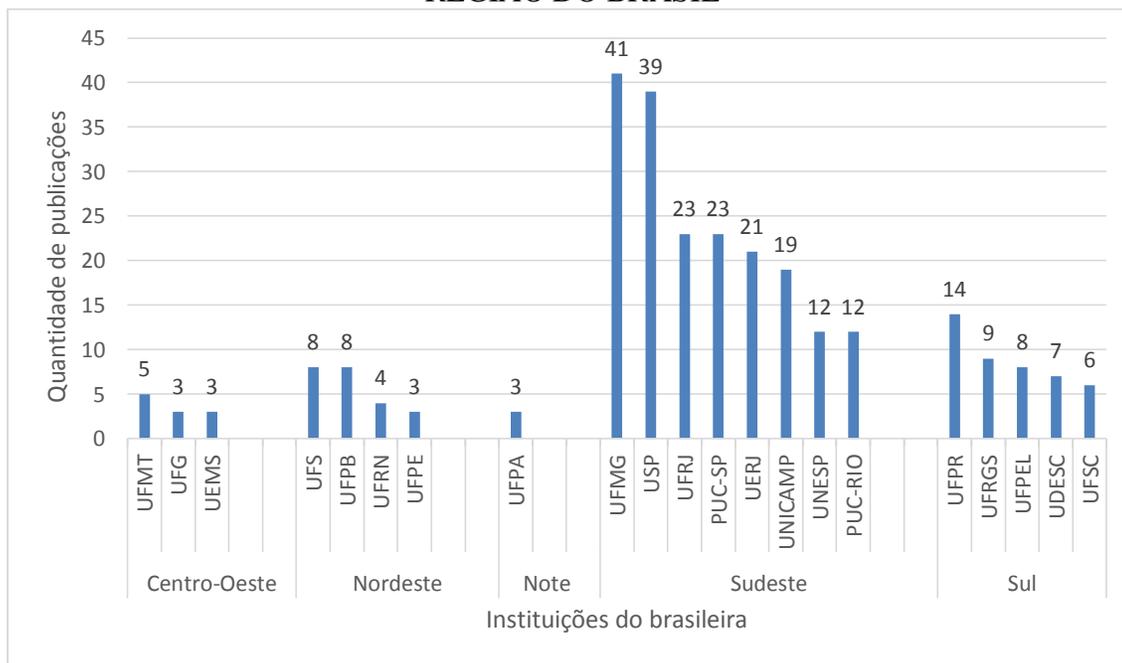


Fonte: Elaborada pela autora (2018).

A partir do gráfico 2, é possível verificar que em todas as regiões, exceto a Norte, os indicadores de produções individuais superam os de trabalhos em coautoria, isso retrata a preferência por produção individual na área.

As publicações nacionais são vinculadas à instituição. Caso seja produzida por apenas um autor, ela terá apenas uma afiliação institucional, mas se for desenvolvida em coautoria poderá demonstrar mais de uma afiliação, visto que os autores de diferentes instituições podem realizar parcerias para o seu desenvolvimento. Desse modo, o gráfico 3 apresenta a recorrência de vinculações institucionais das publicações brasileiras.

GRÁFICO 3 – DISTRIBUIÇÃO DAS INSTITUIÇÕES QUE MAIS PUBLICAM POR REGIÃO DO BRASIL



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Ao observar o gráfico 3, é possível notar que a região Sudeste é a que detém maior número de publicações na RBHE, com destaque dessa região para a proeminência das publicações oriundas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a qual detém um total de 41 vinculações no corpus da revista, posteriormente, a Universidade de São Paulo (USP), com 39 afiliações, seguida da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), com 23 trabalhos; depois a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) apresentando 21 vínculos; a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com 19 comunicações científicas; e, posteriormente, a Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) e a Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), totalizando 12 publicações cada. Neste gráfico ainda é possível evidenciar que na região Sul a Universidade do Paraná (UFPR) lidera o número total de vinculações com 14 publicações em seu nome, seguida da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), com 9; já a Universidade de Pelotas (UFPEL), são 8 comunicações científicas; seguindo da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), que detêm 7 participações, e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com 6 publicações.

Ao se referir ao Nordeste, as instituições que apresentam mais afiliações são a Universidade de Sergipe (UFS) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ambas totalizando 8 produções; posteriormente, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com 4 trabalhos e logo após a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com 3 vinculações. Enquanto a região Centro-Oeste, a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) apresenta destaque com 5 comunicações científicas; seguida da Universidade Federal de Goiás (UFG) e a Universidade Estado do Mato Grosso do Sul (UEMS,) com 3 trabalhos cada instituição. E na região Norte a instituição que mais apresenta publicações é a Universidade Federal do Pará (UFPA), com 3 trabalhos. Além do destaque por região das instituições que mais produzem, também é possível demonstrar a perspectiva de contribuição dos autores, sendo esta de, no mínimo uma, contribuição na RBHE.

TABELA 1– FREQUÊNCIA OBSERVADA DE CONTRIBUIÇÕES POR AUTOR BRASILEIRO

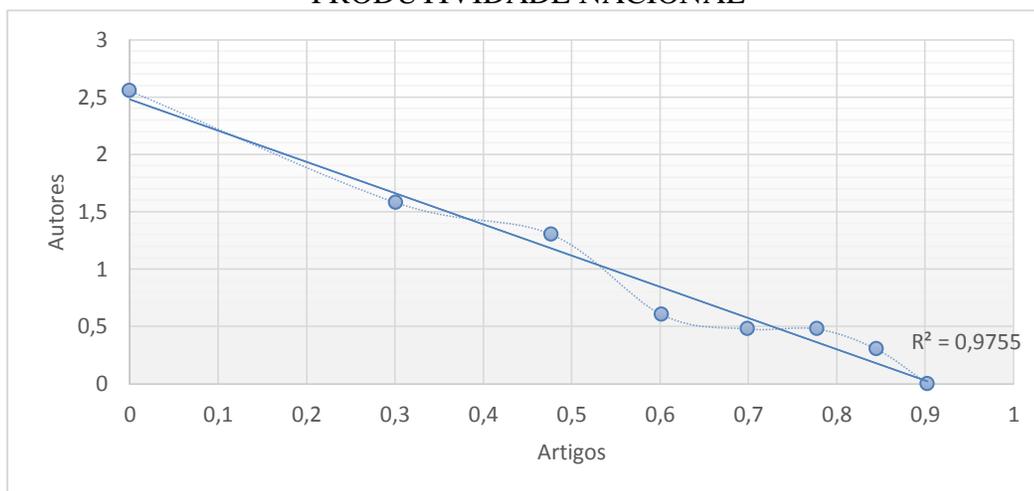
No. de contribuições por autor x	No. de autores y	Total de artigos x.y	$\sum x.y$	% de de atores % de y	$\sum \% y$	% de de artigos % de x.y	$\sum \%x.y$
1	357	357	357	83,61%	83,61%	64,21%	64,21%
2	38	76	433	8,90%	92,51%	13,67%	77,88%
3	20	60	493	4,68%	97,19%	10,79%	88,67%
4	4	16	509	0,94%	98,13%	2,88%	91,55%
5	3	15	524	0,70%	98,83%	2,70%	94,24%
6	3	18	542	0,70%	99,53%	3,24%	97,48%
7	2	14	556	0,47%	100,00%	2,52%	100,00%
TOTAL	427	556		100%		100,00%	

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Na tabela 1 observa-se que as publicações brasileiras na RBHE são compostas por 427 autores, além disso é possível notar que há uma concentração de aproximadamente 83% dos autores que colaboram no corpus da revista com apenas 1 publicação, valor esse com diferença de 23%, como determina Lotka na sua lei quando afirma ser o número de autores que fazem n contribuições num determinado campo científico de aproximadamente $\frac{1}{n^2}$ em relação àqueles que efetuam apenas uma única contribuição. Em oposição a isso, menos de 2% produziram 5 ou mais trabalhos na RBHE, associando-se à média de produtividade dos autores, que é de 1,3 com variância de 0,75 artigo por autor.

Ainda com os valores observados das contribuições por autores brasileiros, pode-se criar a linha reta de regressão entre os valores dos *logaritmos de y* diante dos *logaritmos de x* para estimar a condicional entre a contribuição dos autores em relação às produções.

GRÁFICO 4 – COEFICIENTE DE DETERMINAÇÃO DE PEARSON DA PRODUTIVIDADE NACIONAL



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

A partir do gráfico 4 é possível notar que a regressão linear entre os artigos produzidos e os autores produtores é de 97,48%. Um valor que representa uma grande correlação entre a produção e os produtores.

Ainda no corpus da revista, é possível notar a aparição de autores que apresentam mais de uma publicação. Portanto, apresenta-se a partir do quadro 1 os autores que mais publicam por região em que seus trabalhos tiveram vinculação.

QUADRO 1– DISTRIBUIÇÃO POR REGIÃO NACIONAL DAS PUBLICAÇÕES DOS AUTORES⁷

Região	Autores	Quantidade de Publicações	Total
CENTRO-OESTE	D. S. R.	3	3
NORDESTE	A.S. A.	2	10
	I. F.	2	
	J. S. S.	2	

⁷Por motivos de éticos e privacidade, afim de não revelar a identidade dos autores, esta tabela apresentará apenas as iniciais dos seus nomes.

Região	Autores	Quantidade de Publicações	Total
	L. E. M. O.	2	
	E. F. V.B.	2	
NORTE	A. D.	2	2
SUDESTE	D.G. V.	7	63
	M. C. S. G.	7	
	A. P.	6	
	R. F. S.	6	
	S. C. L.	6	
	A. F. M. S.	5	
	A. M. O. G.	5	
	C. G. V.	5	
	J. C. S. S.	4	
	L. M. F. F.	4	
	M. C. F.	4	
	M. J. W.	4	
SUL	M. A. B.	4	27
	V. L. G. S.	4	
	E. T. P.	3	
	L. K.	3	
	N. C.	3	
	A. V. S.	2	
	C.A. A. T.	2	
	G.L. A.	2	
	M. G. P.	2	
	T. Â. L.	2	

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

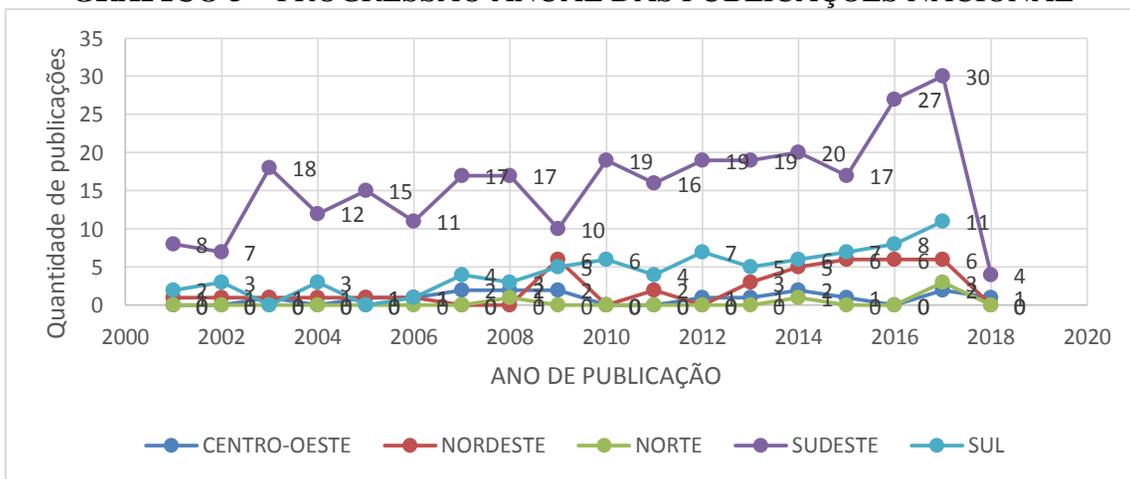
Ao pensar sobre o quadro 1, é possível verificar que a região que exhibe autores com mais publicações é a Sudeste, sendo eles: D. G. V. e M. C. S. G., ambas com 7 publicações cada. Ainda verifica-se que 3 autores da região citada apresentam 6 produções, 2 autores com 5 publicações e 4 indivíduos com 4 trabalhos cada.

Ao observar a tabela, pode-se notar que no Centro-oeste o destaque de produções é para D. S. R., que detém 3 comunicações científicas. Um dos fatores de grande aparição de autores do Sudeste pode ser em virtude dela deter 66% da representatividade nacional na

RBHE. Enquanto no Sul o máximo de registros por indivíduo é de 4 publicações, sendo estes os autores que mais produziram para a RBHE: M. A. B. e V. L. G. S., seguido dos autores E. T. P., L. K., N. C., os quais detêm 3 publicações cada. E o Nordeste com o máximo de associações entre os autores de 2 publicações, desse modo, os autores com mais publicações são: A. S. A., I. F., J. S. S., L. E. M. O. e E. F. V. B. E por fim, Alberto Damascenose destacando na Região Norte com 2 publicação vinculadas ao seu nome.

Com a produção desses autores e os demais ao decorrer do tempo, a RBHE apresentou em seu percurso uma mudança de temporalidade de publicação, quantidade de trabalhos por número, totalizando publicações anuais quais se contrapõem entre si. O gráfico 5 ilustra a progressão anual das publicações da revista.

GRÁFICO 5 – PROGRESSÃO ANUAL DAS PUBLICAÇÕES NACIONAL



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Fundamentando-se no gráfico 5, que objetiva retratar a progressão anual das publicações na RBHE, para as análises do gráfico serão considerados dados até o ano de 2017, pois entende-se que os dados de 2018 ainda não estão completos e isso poderá interferir nas suas interpretações. Assim, com o intervalo de dados observados do gráfico, é possível notar que a região Sudeste se mostra presente em todos os anos da RBHE, com média 17 publicações por ano. Destacando-se ainda, o ano de 2017, com um pico máximo de 30 publicações ao ano, sendo a maior concentração de trabalho dessa região. Seguida da região Sul, que apresentou, no mínimo, 1 publicação ao ano, exceto no ano de 2003 e 2005. Desse modo, o Sul tem uma média de 4 publicações por ano, e em suas aparições ressalta a maior apresentação, com 11 trabalhos no ano de 2017.

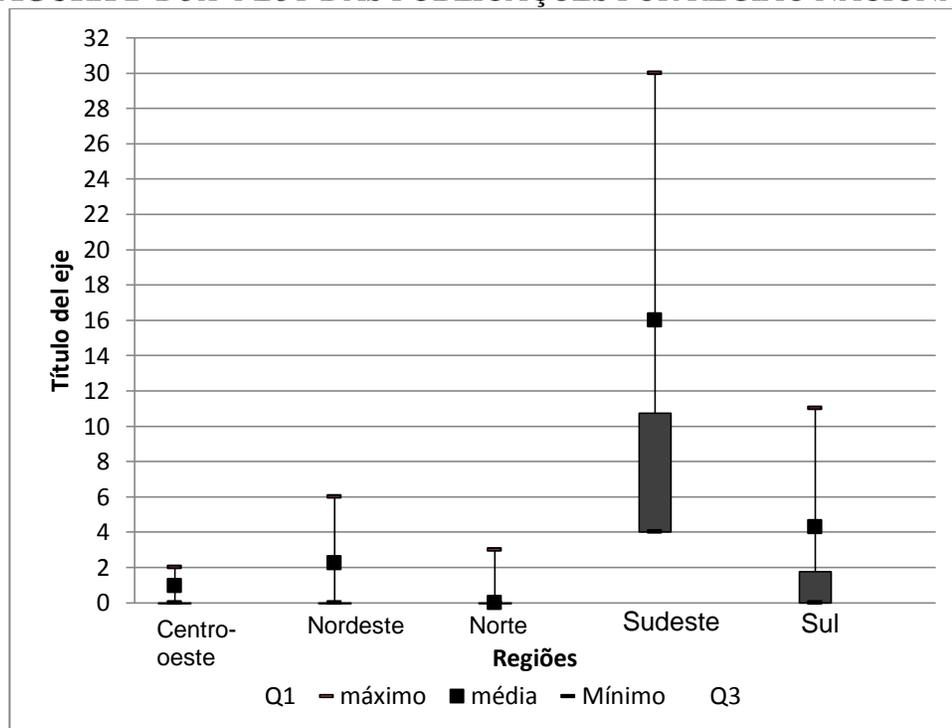
Ainda analisando o gráfico 5, é possível notar que a região Nordeste não apresentou associações de trabalhos na RBHE nos anos de 2007, 2008, 2010 e 2012. Mesmo assim, com relação aos demais anos, exibiu uma média de 2 publicações por ano, tendo, no mínimo, 1 publicação em cada ano, desconsiderando os anos que não teve nenhuma publicação e, obtendo, até o momento, o número máximo de 6 publicações nos anos de 2009, 2015 e 2016.

A partir da progressão anual demonstrada, também é possível notar que a região Centro-oeste não teve nenhuma vinculação nos anos de 2001, 2002, 2004, 2010, 2011 e 2016, apresentando uma média de 1 publicação por ano. Além disso, apresentou o número máximo de 2 publicações nos anos de 2007, 2009, 2014 e 2017.

E por fim, a região Norte, com aparições de publicações apenas nos anos de 2008, 2014 e 2017. Assim, apresenta uma média menor que 1 publicação ao ano na RBHE.

Ainda sobre os dados das 482 publicações anuais, com uma visão global da distribuição e da variação das publicações nacionais em cada região, a figura 5, a seguir,exibe um panorama demonstrando o menor número de publicação, média e quantidade máxima de cada região.

FIGURA 2–BOX–PLOT DAS PUBLICAÇÕES POR REGIÃO NACIONAL



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A figura 5 mostra que as regiões do Centro-Oeste, Nordeste, Norte e Sul apresentaram contribuição nula, visto que o valor mínimo de publicação é igual a zero. Enquanto o Sudeste tem 4 como o valor de contribuição mínimo. Por meio do *box-plot* é possível detectar que o Centro-Oeste teve a contribuição máxima de 2 publicações no decorrer de um ano determinado, já a Norte apresenta 3 publicações, no máximo. O Nordeste apresenta, no máximo, 6 comunicações científicas em determinado ano, o Sul 11 e o Sudeste 30, assim, identifica-se uma dispersão da distribuição das publicações.

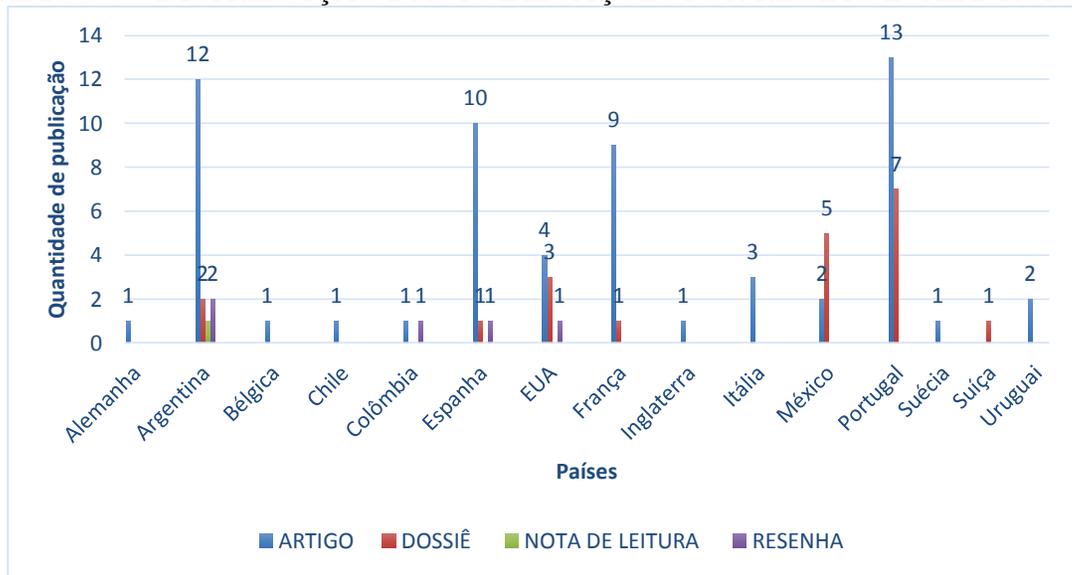
Além disso, pode-se dizer que a média de publicação é de 1; 2; menor que 1; 16 e 4 de acordo com as regiões demonstradas, respectivamente, no gráfico. Portanto, a partir da figura 5 é possível notar a variação entre as contribuições de publicações entre o Sudeste e as demais regiões brasileiras, visto que enquanto estas apresentam aparição nula em determinados momentos, o Sudeste sempre oferta alguma produção. Tal dispersão é confirmada na média nacional de aproximadamente 5 publicações, porém esse valor não é atingido por algumas regiões. Desse modo, por apresentar tal disparidade, é indicado o uso da mediana⁸ como indicador de medida central. Nesse caso, a mediana de 2 publicações nacionais com o desvio padrão de aproximadamente 6 comunicações científicas, ou seja, a dispersão entre o número de publicações anuais entre as regiões é bastante elevada.

Panorama internacional

As produções vinculadas às instituições internacionais representam um total de 83 publicações, equivalendo-se a 18% do corpus da revista, como demonstra a figura 4, sendo distribuídas entre diversos países. Observe o panorama no gráfico a seguir:

⁸ Segundo Vieira (2008), a mediana é o valor central do conjunto de dados. Ela tem como objetivo apresentar maior equilíbrio entre as extremidades dos dados.

GRÁFICO 6 – DISTRIBUIÇÃO DAS PUBLICAÇÕES POR REGIÃO INTERNACIONAL

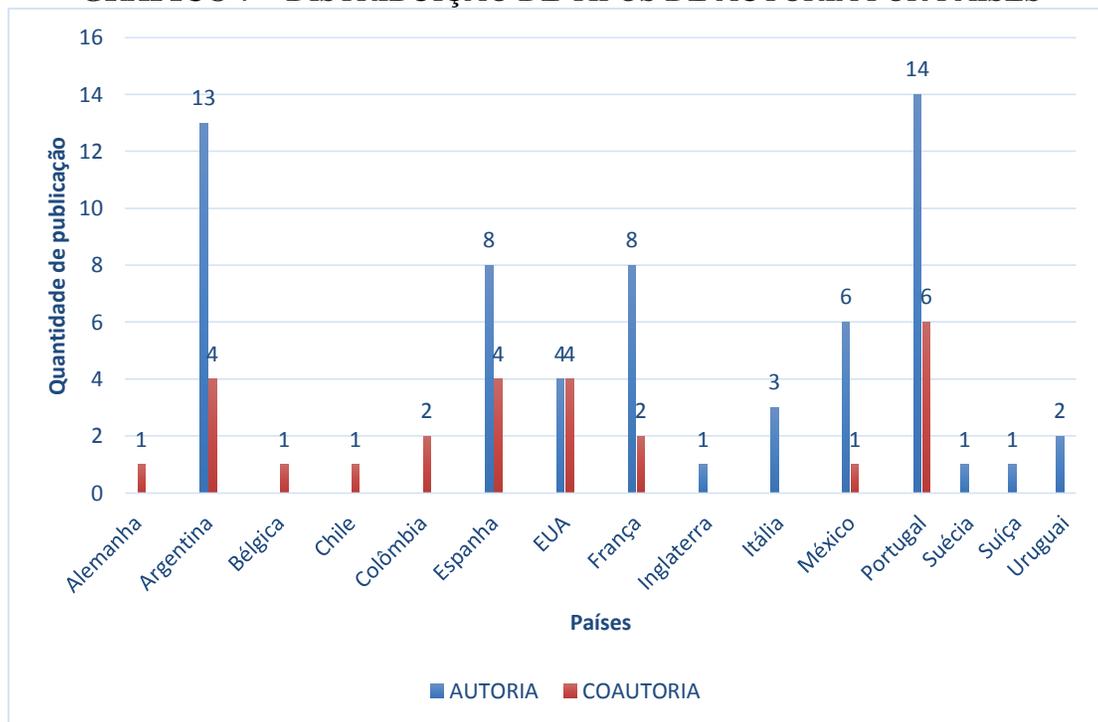


Fonte: Elaborada pela autora (2018).

No gráfico 6 é possível perceber que Portugal apresenta 13 artigos, 7 dossiês, 1 nota de leitura e 2 resenhas. Sendo assim, o país com a maior representatividade, com 20 produções. Em seguida, a Argentina apresenta 12 artigos, 7 dossiês, 2 resenhas e 1 nota de leitura, totalizando 17 comunicações científicas. Isso expressa o segundo país com maior número de contribuições à RBHE. Em seguida, a França, com 9 artigos e 1 dossiê, resultando 10 publicações, e a Espanha com 10 artigos, 1 dossiê e 1 resenha, um total de 12 produções.

As publicações internacionais na RBHE apresentam a seguinte distribuição de tipo de autoria, conforme o gráfico seguinte:

GRÁFICO 7 – DISTRIBUIÇÃO DE TIPOS DE AUTORIA POR PAÍSES



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

A partir do gráfico 7 é possível detectar que as produções de autoria individual são predominantes em todos os países, totalizando 61 produções, correspondente a 70% entre as internacionais. E a comunicação científica em coautoria totaliza 26, representando 30% do total das publicações internacionais. Ainda nesse gráfico, é possível notar o destaque para Portugal, com 14 em autoria e 6 em coautoria. Seguido da Argentina, sendo 13 com um autor e 4 em grupos. Logo após Espanha e França, ambas com 8 publicações em autoria única, a primeira com 4 em coautoria, enquanto a segunda com 2 comunicações científicas.

Essas produções são vinculadas a instituições, sendo possível verificar a presença das afiliações internacionais que publicam na RBHE. Portanto, o gráfico 8 apresenta as instituições dos países participantes.

QUADRO 2– DISTRIBUIÇÃO POR REGIÃO DAS PUBLICAÇÕES DAS INSTITUIÇÕES

Países	Instituição	Quantidade de publicações	Total
Alemanha	HTZ	1	1
Argentina	UNPL	5	14
	UBA	3	
	UNR	2	
	UNQ	2	
	FLACSO	2	
Bélgica	KULEUVEN	1	2
	UGENT	1	
Chile	USACH	1	1
Colômbia	UPIC	1	2
	UPB	1	
Espanha	USC	2	4
	USAL	2	
EUA	OXFORD	2	2
França	EDESS	3	8
	IUFL	3	
	PARIS4	2	
Inglaterra	UW	1	1
Itália	UNIFE	1	3
	UNIPV	1	
	UNIMC	1	
México	UAEM	3	3
Portugal	ULISBOA	13	15
	UNL	2	
Suécia	UMU	1	1
Suíça	IJR	1	1
Uruguai	UDELAR	2	2

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Por meio da análise do quadro2 é possível verificar que a Universidade de Lisboa (ULISBOA), de Portugal, apresenta 13 publicações, sendo a instituição internacional com mais vinculações na RBHE, seguida da Universidade Nacional de La Plata (UNPL), na Argentina, que detém 5 produções. Além disso, é possível notar que as demais instituições

mantêm na média de 3 a 1 publicação. Mas a média geral de publicações entre as instituições internacionais é de 1,5 publicação por instituição, com variância de aproximadamente 3 publicações.

Além de mensurar as publicações instituições internacionais, a tabela 2 demonstra a contribuição dos autores estrangeiros, sendo esta de, no mínimo, 1 contribuição na revista.

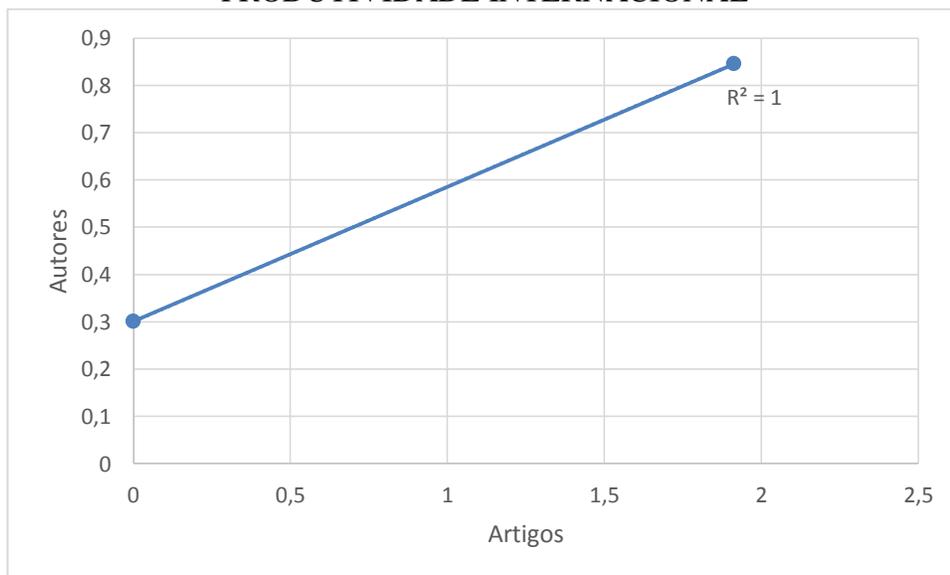
TABELA 2 – FREQUÊNCIA OBSERVADA DE CONTRIBUIÇÕES POR AUTOR INTERNACIONAL

No. de contribuições por autor x	No. de autores y	Total de artigos x.y	$\sum x.y$	% de de atores % de y	$\sum \% y$	% de de artigos % de x.y	$\sum \%x.$ y
1	82	82	82	92%	92%	85%	85%
2	7	14	96	8%	100%	15%	100%
TOTAL	89	96		100%		100%	

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A tabela 2 demonstra que 82 autores contribuíram com apenas 1 publicação, isso corresponde um total de 92% das publicações internacionais. Valor este com uma diferença de 32% do que reflete a lei de Lotka. Enquanto apenas 7 tiveram 2 publicações, correspondendo a 8% da comunicação científica estrangeira. Ainda com esses valores de contribuição, pode-se calcular os logaritmos de x e de y para traçar o coeficiente de determinação de Pearson.

GRÁFICO 8 – COEFICIENTE DE DETERMINAÇÃO DE PEARSON DA PRODUTIVIDADE INTERNACIONAL



Fonte: Elaborado pela autora(2018).

O gráfico 8 apresenta uma correlação de 100% entre os artigos produzidos e os autores produtores. Portanto, a correlação entre as produções internacionais atinge o grau máximo.

Dessas publicações, destacam-se os autores que apresentaram maiores contribuições no corpus da RBHE. Assim sendo, o quadro a seguir demonstra os autores, por país, com 2 publicações na revista.

QUADRO 3– DISTRIBUIÇÃO POR REGIÃO DE PUBLICAÇÃO DE AUTORES⁹

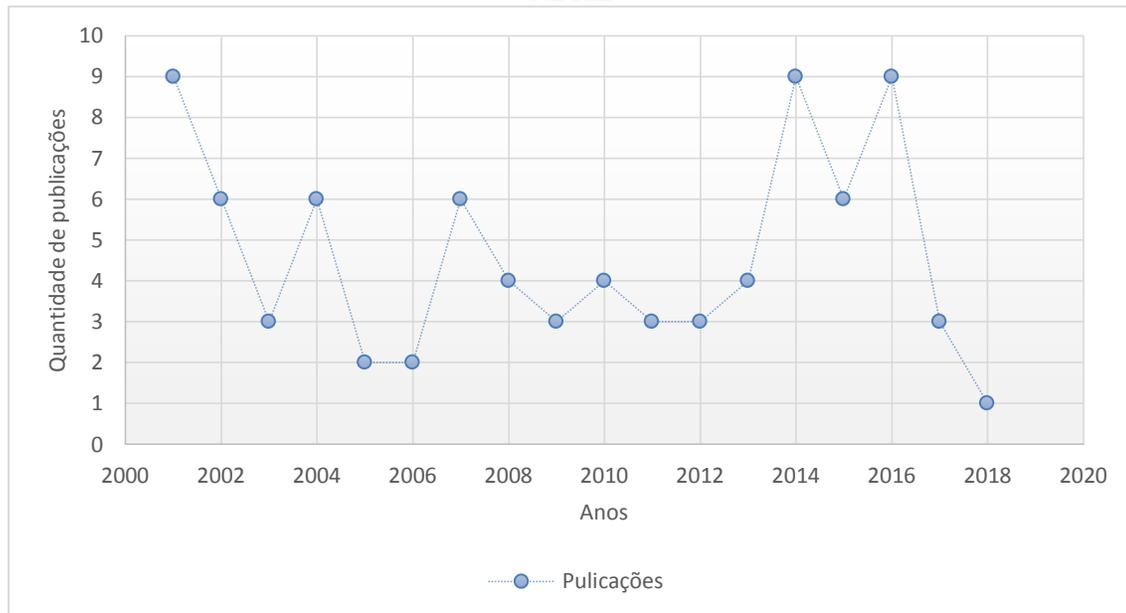
País	Autores	Quantidade de Publicações	Total
ARGENTINA	A. A.	2	2
FRANÇA	A. M. C.	2	4
	J. H.	2	
MEXICO	L. M. M.	2	2
PORTUGAL	A. G. F.	2	6
	J. M. N. R.Ó.	2	
	C. M. S.	2	

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

⁹ Por motivos de éticos e privacidade, afim de não revelar a identidade dos autores, esta tabela apresentará apenas as iniciais dos seus nomes.

Por meio do quadro 3 é possível verificar que a maior contribuição por autor foi de 2 obras. Nota-se, ainda, que a França possui 2 autores com essas contribuições, a A. M. C. e o J. H.; assim como Portugal, com o A. G. F., C. M. S. e o J. M. N. R. Ó. A Argentina e o México apresentam apenas um autor, A. A. e L. M. M., na respectiva ordem da demonstração dos países.

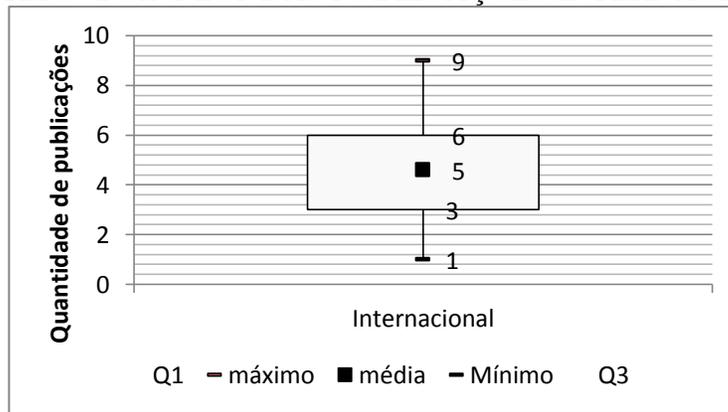
GRÁFICO 9– PROGRESSÃO ANUAL DAS PUBLICAÇÕES INTERNACIONAIS DA RBHE



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Com o gráfico 9, observa-se que as publicações estrangeiras estão sempre presentes no corpus da RBHE, desde a sua criação em 2001. Pode-se detectar que no ano de 2005 e 2006 apresentou 2 publicações, sendo o menor número de contribuição, enquanto os anos de 2001, 2014 e 2016 exibem o número de 9 publicações cada; o ano de 2018 apresenta apenas 1 publicação, mas vale ressaltar que até o momento da produção deste trabalho a RBHE disponibilizou apenas o seu primeiro número do ano em questão. Com esses valores é possível mostrar detalhadamente o comportamento de contribuição internacional por meio da figura 6.

FIGURA 6 –BOX–PLOT DAS PUBLICAÇÕES INTERNACIONAIS



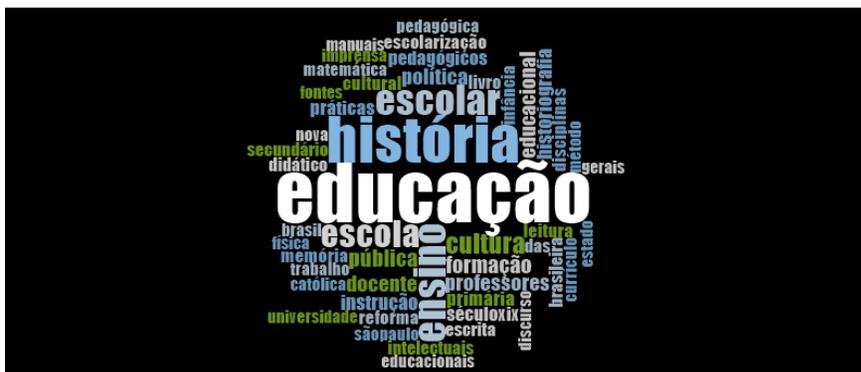
Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Na figura 6 é possível detectar que entre os volumes da RBHE foram vinculadas, no mínimo, 1 publicação internacional, então, verifica-se que 5 é a média entre as publicações internacionais. Além disso, houve a contribuição máxima de 9 publicações internacionais em um determinado ano.

Temáticas

As publicações da RBHE devem apresentar de três a cinco palavras-chaves, as quais representam sucintamente a descrição do seu conteúdo. Desse modo, a figura a seguir ilustra o grau de recorrência delas.

FIGURA 7 –NUVEM DE PALAVRAS



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A figura 7¹⁰ demonstra o nível de menor e maior recorrência dos termos disponíveis nos trabalhos do RBHE, indicando que o termo “educação” é de maior recorrência, com

¹⁰ A ilustração foi desenvolvida no *Nvivo* com a característica de especialização, como princípio de uma junção de termos semelhantes.

precisamente 202 vezes nos descritores dos trabalhos; precedido de “história”, com 146 aparições. Posteriormente à “educação” e “história” aparece o descritor “ensino”, com 90 frequências; em seguida “escola”, com 83 vezes; após “escolar”, com 70 utilizações; “cultura” com 41; seguindo de “municipal”, com 28 vezes; “pública”, com 27 utilizações; e “formação”, com 25 utilizações. Portanto a partir da figura 7 é possível notar que as palavras-chaves com maior recorrência coincidem com o escopo da revista, por compartilhar produções científicas sobre a História da Educação. Além de mostrar a reincidência dos termos, também é possível exibir o relacionamento entre eles, conforme a figura 8.

FIGURA 8 –ÁRVORE DE PALAVRAS

educação	história	escolar	cultura	pública	municipal
			formação	educacional	professores
			docente	historiografia	primária
	ensino	escola	política	instrução	pedagógicos
					século XIX

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A figura 8 demonstra que “educação” é o termo principal, relacionando-se diretamente com “história” e “ensino”. A primeira possui relação com “cultura” e “formação”. Já “escola” apresenta ligação com “docente” e “política”; “cultura” com pública, e está com municipal – valendo ressaltar que o termo municipal se refere a lugares, como Barcelona, Curitiba, Pernambuco, Recife, Santos, dentre outros. Enquanto “formação” está ligada a “educacional”, que tem vínculo com “professor”, e elo com “cultural”. Logo, “escola” se vincula a “docente”, que se liga com “primária” e posteriormente com “práticas”. Já “política” demonstra um elo com “instrução”, que se relaciona com pedagógicos, correlatos no século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou um panorama do campo da História da Educação a partir da comunicação científica presente na RBHE. Depois da coleta e análise dos dados, foi possível

detectar que a revista é composta por 482 publicações, sendo 398 vinculadas a instituições brasileiras, 72 a instituições estrangeiras e 11 publicações em parcerias com instituições nacionais e internacionais. Sendo predominantemente artigos e em autoria individual. No Brasil, a região que apresenta maior contribuição é a Sudeste, com destaque para a UFMG, com 41 comunicações científicas, sendo a maior concentração de comunicação científica de uma instituição. Já nas produções estrangeiras, identificou-se que estão presentes no decorrer dos volumes da revista, sendo Portugal o país a apresentar o maior número de contribuições à RBHE.

Foi possível identificar que, conforme os princípios da Lei de Lotka, as colaborações únicas (quando um indivíduo apresenta um único trabalho no *corpus* da revista) na RBHE é de aproximadamente 84%, ultrapassando quase 20% do que estipula o autor, enquanto as internacionais é de 92%. Ainda sobre as publicações brasileiras, observou-se a variabilidade através do coeficiente de determinação de Pearson, apresentando a correlação nacional de 97%, enquanto a internacional de 100%.

O presente estudo, com o uso dos princípios bibliométricos, ainda permitiu constatar que entre as temáticas mais presentes estão “educação”, “história” e “ensino”. Assim, pode-se inferir que a educação propriamente dita, assim como sua história e sua forma de ensino são os assuntos mais abordados pela revista.

Também verificou-se que existe uma proeminência em pesquisas com recorte local (Barcelona, Curitiba, Pernambuco, Recife e Santos), além do recorte de tempo que contempla o século XXI. A análise dos dados elencou as temáticas menos abordadas na RBHE, como questões referentes a “infantil” e a “mulher”, resultando, assim, em temáticas que deveriam ser mais pesquisadas e publicadas nesse veículo de informação, visto que há pouca comunicação científica abordando esses assuntos. Pode-se deduzir que até o momento não estão sendo foco de interesse dos autores da área ou do próprio campo de pesquisa. Ou talvez não sejam os principais assuntos de pauta do editorial da revista.

Sendo assim, foi possível, a partir da bibliometria, apontar as áreas principais que apresentam grande volume de estudos desenvolvidos; as áreas em potencial, exibindo volume de pesquisas elaboradas, mas que não são (ainda) destaques de um campo; e as áreas fragilizadas, aquelas que apresentam um baixo número de pesquisas. Desse modo, é essencial

analisar a relevância das temáticas, principalmente as com menor número de produção, para que sejam mais pesquisadas e, portanto, mais divulgadas por meio da comunicação científica.

Por fim, este é apenas um panorama do campo da História da Educação, considerando as informações disponibilizadas pela RBHE. No desenvolvimento desta pesquisa não se atentou para as questões editoriais, nem para a configuração do campo científico. No entanto, acredita-se que são de suma importância para o entendimento da representação do campo, visto que é a partir desse ponto que é possível verificar a atuação dos agentes e as relações de vínculos os quais resultam na construção da configuração do campo científico. Desse modo, é preciso estudar com maior profundidade as relações dos agentes para melhor compreender o comportamento e a construção do campo da História da Educação.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Pro-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte por aprovar este projeto de pesquisa e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência por apoiar e fornecer recursos para a realização deste estudo.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Portugal: Edições 70.
- Bianchetti, L. & Fávero, O. (2005). História e histórias da pós-graduação em educação no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 30. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n30/a01n30.pdf>
- Bussab, W. O. & Morettin, P. A. (2013). *Estatística básica* (8a. ed.) São Paulo: Saraiva.
- Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal De Nivel Superior (CAPES). *Estatísticas da pós-graduação*. Recuperado de <http://www.capes.gov.br/capes/portal/conteudo/10/EstatisticasPG.htm>
- _____. (2016). *Distribuição de programas de pós-graduação no Brasil por estado*. Recuperado de <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>
- Dathein, R. (2003). *Inovação e Revoluções Industriais: uma apresentação das mudanças tecnológicas determinantes nos séculos XVIII e XIX*. Porto Alegre: DECON/UFRGS. Recuperado de <http://www.ufrgs.br/napead/repositorio/objetos/descobrimdo-historia-arquitetura/docs/revolucao.pdf>
- Febvre, L. (1989). *Combates pela história*. Lisboa: Presença.
- Fonseca, E. N. (1986). *Bibliometria: teoria e prática*. São Paulo: Cultrix, Ed. da USP.
- Garvey, W. D. (1979). *Communication: the essence of science facilitating information among librarians, scientists, engineers and students*. Oxford: Pergamon Press.

- Gómez, M.N. G., & Machado, R. (2008). A ciência invisível: o papel dos relatórios e as questões de acesso à informação científica. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, 3 (1). Recuperado de <http://periodicos.ufpb.br/Ojs/index.php/pbcib/article/view/6111>
- Griffith, B. C. (1989). Understanding science: studies of communication and information. *Communication Research*, 16 (5) 600-14.
- Grotto, D. (2003). O compartilhamento do conhecimento nas organizações. In M. T. ANGELONI (Org.). *Organizações do conhecimento: infra-estrutura, pessoas e tecnologias* (pp 106-19). São Paulo: Saraiva.
- Lievrouw, L. A. (1990). Communication and the social representation of scientific knowledge. *Critical Studies in Mass Communication*, 7 (1) 1-10.
- Lopes, E. M. T. (1992). Fontes documentais e categorias de análise para uma história da educação da mulher. *Teoria e Educação*, 6, 105-114.
- Lotka, A. (1926). Statistics: the frequency distribution of scientific productivity. *Journal of the Washington academy of sciences*, 16 (12), 317-23. Recuperado de <http://yunus.hacettepe.edu.tr/~tonta/courses/spring2011/bby704/Lotka%201929.pdf>
- Lüdke, M.; André, M.E.D.A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos metodológicos científicos*. 5a ed. São Paulo: Editora Atla.
- Meadows, A. J. (1999). *Comunicação científica*. Brasília: Briquet de Lemos Livros.
- Moura, E. (1997). ITA: avaliação da produção científica (1991-1995). In G. P. Witter (Org.). *Produção científica*. Campinas: Editora Átomo.
- Mueller, S. P. M. (1995). O crescimento da ciência, o comportamento científico e a comunicação científica: algumas reflexões. *R. esc. Biblioteconomia da UFMG*, 24 (1), 63-84.
- Noronha, D. P., & Maricato, J. M. (2008). Estudos métricos da informação: algumas aproximações. *Encontros Bibli.*, n. esp.,. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13nesp1p116/1594>.
- Nóvoa, A. (2005). Por que história da educação? In: M. H. Bastos & M. Stephanou. *Histórias e memórias da educação no Brasil* (pp. 9-13). Petrópolis: Vozes.
- Pisciotta, K. (2006). Redes sociais: articulação como os pares e com a sociedade. In D. A. Población, G. P. Witter & J. F. M. Silva (Orgs.). *Comunicação e produção científica: contexto, indicadores e avaliação*. São Paulo: Angellara, 2006.
- Pritchard, A. (1969). Statistical Bibliography or Bibliometrics? *Journal of Documentation*, 25 (4), 348-349. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/236031787_Statistical_Bibliography_or_Bibliometrics.
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2ª ed). Novo Hamburgo: Feevale.

- Revista Brasileira de História da Educação. Maringá: Sociedade Brasileira da História da Educação, 2001 –.
- Rodrigues, R. M. (2007). *Pesquisa acadêmica: como facilitar o processo de preparação de suas etapas*. São Paulo: Atlas.
- Rodrigues, C., & Viera, A. F. G. (2016). Estudos bibliométricos sobre a produção científica da temática Tecnologias de Informação e Comunicação em bibliotecas. *R. Ci. Inf. e Doc.*, 7 (1), 167-80. Recuperado de <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/45773>>.
- Spinak, E. (1998). Indicadores cientométricos. *Ciência da informação*, 27 (2), 141-148.
- Stephanou, M., & Bastos, M. H. C. (2005). História, memória e história da educação. In _____ (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil* (416-19). Petrópolis: Vozes.
- Vieira, S. (2008) Introdução a bioestatística (4a ed.). Rio de Janeiro: Elsevier.
- Targino, M. G. (2000). Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. *Informação & Sociedade*, 10 (2). Recuperado de <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/326>
- _____. (1999/2000). Divulgação de resultados como expressão da função social do pesquisador. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 23/24 (3), 347-366.
- Vanti, N. A. P. (2002). Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. *Ci. Inf.*, 31(2) 152-162.
- Vidal, D. G., & Faria Filho, L.M. (2003) História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História*, 3(45), 37-70.

Autores:

Jéssica Souza Martins

Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2018). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia, atuando principalmente nos seguintes temas: bibliometria, comunicação científica, campo científico, comunidade científica, ciência-informação e história da educação. Atualmente, Mestranda em Educação Profissional no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, com estudos sobre a elaboração, desenvolvimento e difusão das memórias a partir da comunicações científicas da Educação Profissional. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1831-9277>

Olivia Morais De Medeiros Neta

Possui graduação em História (Licenciatura e Bacharelado), mestrado em História e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e atua como professora-orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRN) e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. É sócia da ANPUH, da SBHE e da ANPED. Editora da Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica (ISSN 1983-0408) e History of Education in Latin America (ISSN 2596-0113).

Nadia Aurora Vanti Vitullo

Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007). Mestre em Ciência da Informação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2001). Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1987). Atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e responsável pela Linha Estudos Métricos da Informação em CT&I do Grupo de Pesquisa Informação na Sociedade Contemporânea da UFRN. Os principais temas de pesquisa que desenvolve são relacionados à produção científica e aos estudos métricos da informação, tais como bibliometria, cientometria, informetria, webometria, cibermetria e altmetria.